

Sobre o novíssimo teatro português

Depois de, nas últimas três edições, ter dedicado um ciclo ao novíssimo teatro argentino, espanhol e italiano, o 34.º Festival de Almada volta-se agora para os talentos emergentes no nosso país. Para além de acolher um dos espectáculos finais da licenciatura em Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema (*Primeira imagem*) e a nova criação do Teatro do Eléctrico (*Karl Valentin Kabarett*), outros três espectáculos e um colóquio completam este ciclo.

O fenómeno tem merecido a atenção dos meios de comunicação social e agitado as águas do meio teatral português: os novos colectivos vieram para ficar, movidos pela vontade de partilharem com o público as suas inquietações. Entre os grupos que marcarão presença no 34.º Festival de Almada, existem vários denominadores comuns. “*Há uma necessidade de as pessoas se juntarem, de não estarmos dependentes de quem nos contacta para trabalhar*”, assume Nídia Roque, um dos membros fundadores do Teatro da Cidade e uma das protagonistas de *Topografia*, o espectáculo que a companhia traz ao Fórum Romeu Correia no dia 10 de Julho. Diogo Tavares, um dos intérpretes que, três dias depois, dá vida a uma adaptação livre do romance de García Márquez *Memórias das minhas putas tristes*, destaca por seu turno os parcos recursos de que dispõem. Finalmente, Ricardo Boléo, responsável pela dramaturgia e

pela encenação de *A morte do príncipe*, em cena no dia 15, sublinha a capacidade de estes novos colectivos “*fazerem acontecer espectáculos em qualquer parte, muitas vezes fora do edifício do teatro*”. “*A precariedade criou novas dinâmicas*”, conclui.

IGUAIS NA DIFERENÇA

Une-os o murro na mesa, mas não a linguagem artística ou o método de trabalho por que optam. De facto, se para o Teatro da Cidade “*a estética depende sempre do assunto sobre o qual queremos falar*”, para a equipa envolvida em *Por nascer uma puta não acaba a Primavera* foi preferível apostar desde o início numa linha diferenciadora, resultante da “*junção da dança com o texto, as artes plásticas e a instalação*”. Mas as inquietações que escolheram partilhar com o público também são distintas. O Teatro da Cidade traz ao Festival um conjunto de alegorias sobre o conceito de *comunidade* – naquele que é, ao mesmo tempo, o seu segundo espectá-

culo como companhia e o primeiro em que se lançam na escrita de um texto original. Em *Por nascer uma puta não acaba a Primavera*, estão em causa “*vários tipos de amor*”, nomeadamente aquele que um no-nagenário sente por uma jovem adolescente e aquele que esta última parece devotar à dona do bordel, invejando a sua posição de poder. *A morte do príncipe* consiste, por sua vez, numa dramaturgia que, convocando um amplo conjunto de textos (*Máquina Hamlet*, de Heiner Müller; *Hamlet*, de Shakespeare; *Ode Triunfal* e *A morte do príncipe*, de Fernando Pessoa), persegue um “*regresso aos afectos*” e põe Hamlet a dialogar com Ofélia numa espécie de “*campo de concentração do amor*”. Para além dos espectáculos que compõem este ciclo, haverá ainda oportunidade de assistir a um debate sobre o tema. Trata-se do único *Encontro da Cerca* deste Festival e está agendado para a manhã de 15 de Julho, na Casa da Cerca, em Almada.

ÂNGELA PARDELHA

Topografia

Criação colectiva

SEG. 10 > 19:00

FÓRUM ROMEU CORREIA

Por nascer uma puta não acaba a Primavera

A partir de Gabriel García Márquez
Enc. de Alexandre Tavares e Anouschka Freitas

QUI. 13 > 19:00

FÓRUM ROMEU CORREIA

A morte do príncipe

A partir de Fernando Pessoa,
Heiner Müller e William Shakespeare
Encenação de Ricardo Boléo

SÁB. 15 > 18:00

FÓRUM ROMEU CORREIA